DOI 105418/RA2019.1527.0007

RESENHA: UMA PONTE AO MUNDO

Cartografias existenciais da pessoa com deficiência e o trabalho

Letícia Borba
Possui graduação em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás (2005). Especialização em Educação Ambiental pela Universidade Federal de Goiás (2010). Pedagogia pela FAESP-GO (2017-2018). Atualmente é Diretora do Núcleo Pedagógico - Secretaria de Educação Cultura e Esporte-SEDUCE. Mestranda em Geografia na Universidade Estadual de Goiás, Campus Cora Coralina na cidade de Goiás (2019). E-mail: aicitelborba@gmail.com

Palavras-chave: Cartografias existenciais, pessoa com deficiência, trabalho.

Tarefa impossível é realizar a leitura reflexiva desse livro e continuar sendo o mesmo indivíduo. Muito além de dados estatísticos, apresenta a subjetividade das formas de discriminação, exclusão e violência vividas por pessoas com deficiências e patologias, na busca pela emancipação através do mundo do trabalho.

Organizado por Eguimar Felício Chaveiro, como resultado e produto do Pós-Doutoramento da Universidade Federal de Goiás (UFG), e supervisionado por Professor Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos, do Departamento de Direitos Humanos, Saúde e Diversidade Cultural (DIHS/ENSP/Fiocruz), a obra, dividida em dez capítulos, reúne textos reflexivos, fortes e emocionantes que levam o leitor a enxergar a todas e todos como "pessoas".

São vinte e dois (22) autores que se dedicaram a escrever textos que abordam o tema "Deficiência" sob diversos olhares: a historicidade conceitual, o jurídico, as literaturas. São reflexões que constatam a existência de um sujeito que ao buscar a inserção no mundo do trabalho, revela, desafia e ensina que o corpo deficiente é o da nossa sociedade, a qual não consegue realizar a equidade diante das diferenças.

No capítulo I, Eguimar Felício Chaveiro e Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos, apresentam uma reflexão acerca de quem é esse indivíduo que possui uma deficiência, ou melhor, afirmam que não há pessoa com deficiência, e, sim, suficiência de mais ou de menos. Nessa dialética, o capítulo mergulha na historicidade do ser humano, seus sentimentos, angústias, necessidades e importância do trabalho. Realiza uma analogia dos danos causados entre a ausência do trabalho e a presença dele, de forma exploratória, na vida do sujeito.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

Os capítulos II e III se completam. Escritos por Annibal Coelho de Amorim, Sônia Gertner Luciana de Assis Amorim, Ricardo de Assis Fernandes Gonçalves e Alex Tristão de Santana, constroem a cartografia histórica e conceitual da deficiência por meio de elementos precisos que revelam como aconteceu, ao longo dos séculos, a construção de conceitos que definiam pessoas com deficiências como: uma classe de sub-humanos, representação demoníaca, idiotas com perda de perfeição, e outros rótulos, os quais construíram a invisibilidade desses indivíduos. Também, apresentam reflexões sobre quais processos sociais e posturas podem contribuir com a desconstrução desses conceitos. No capítulo III, os autores analisam o trabalho sob a perspectiva da produção da deficiência e da doença, sendo que o trabalho justo é aquele que objetiva e subjetiva a vida. Assim, a análise é pautada em como a economia capitalista exige a perfeição, que por sua vez, é traduzida em produtividade. E como é contraditório a essa política de produtividade, a inserção da pessoa com deficiência no mundo do trabalho. Assim, os autores aprofundam-se na análise da relação entre o meio técnico-científico-informacional e financeiro, e a diversificação do trabalho contemporâneo.

Escrito por Cátia Rodrigues dos Santos e Ronan Eustáquio Borges, o capítulo IV aborda as leis que normatizam a empregabilidade da pessoa com deficiência e tece uma descrição das reais dificuldades encontradas pelas empresas em fornecer um trabalho e pelos portadores de deficiência, em alcançarem o seu lugar no mercado de trabalho, de permanecer ali e, principalmente, de vencer os preconceitos construídos historicamente.

Por Wilson Lopes Mendonça Neto, Ana Carolina de Oliveira Marques e Ronan Eustáquio Borges, o capítulo V trata da produção da espacialidade na cidade de Goiânia e as dificuldades enfrentadas pelas pessoas com deficiência. Realiza uma leitura territorial e ética, metodologicamente baseada em análises estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Tocando no cerne da questão social, este capítulo reflete sobre a inclusão escolar, sua funcionalidade e as graves consequências de uma inclusão marginal e perversa.

Suave e emocionante como a brisa do mar, o capítulo VI, escrito por Angelita Pereira de Lima e Dóris de Fátima Reis Mendes, trata poeticamente de como, através da arte, a pessoa com deficiência se expande. Ao encontrar consigo mesma e ao viver sua perfeição enquanto artista, e sua percepção enquanto sujeito, a deficiência torna-se insignificante.

Importantes considerações são realizadas no capítulo VII. Escrito por Marina Maria Ribeiro Gomes da Silva, Renan Augusto Oliveira do Nascimento e Luciene Aguiar, trata-se de levantamentos, *sobre* e *para* a pessoa com deficiência, relacionados ao mundo das mídias

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

e da comunicação. São abordadas questões de acessibilidade e de formação de opinião, inclusive como manipulação de massa para estratégias econômicas sociais. Segundo os autores, uma máquina de guerra e de captura da energia política de trabalhadores oprimidos.

O capítulo VIII tece uma reflexão fundamental sobre a dimensão jurídico-legal da pessoa com deficiência. Escrito por Annaclara Toledo Avelar, Marielly de Sousa Miranda e Tatielle Esteves de Araújo Tristão, o texto apresenta a historicidade dos paradigmas existentes sobre esse sujeito e sua trajetória na vida social, relacionando à evolução do pensamento sobre direitos humanos, as leis referentes à essa questão, e a luta em busca do respeito como sujeitos de direito.

O capítulo IX apresenta uma revisão sistemática da produção cientifica sobre a pessoa com deficiência e o trabalho. As autoras Aline da Silva Alves, Maria de Fátima Moreira Martins e Renata da Silva de Faria tratam com propriedade a importância da diversidade como objeto de estudo e publicações, realizando profunda análise sobre as produções acadêmicas, a partir de 1960.

Os organizadores, Eguimar Felício Chaveiro e Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos, no capítulo X, sintetizam a essência da mensagem do livro: *Uma Ponte ao Mundo* define-se por meio da execução de vínculos solidários, e de forma justa e igualitária, também, para pessoas com deficiência em atividade laboral.

Um livro direcionado a profissionais da Educação nos seus diversos níveis, profissionais em recursos humanos, pais, familiares e os próprios sujeitos com deficiências congênitas ou causadas pelo processo laboral, que convivem, diariamente, com as adversidades que desencadeiam situações de preconceitos e injustiças sociais. Com textos coerentes e de escrita compreensiva, o assunto é abordado com leveza e sensibilidade. Cada página lida motiva a continuidade da leitura, pois as ideias são claras e levam o leitor à reflexão.

Muito próximo à realidade cotidiana, o livro traz relatos genuínos de pessoas com deficiência e seus sentimentos diários em relação ao tratamento que recebem da sociedade no que diz respeito ao âmbito laboral. De forma clara, trata da construção dos conceitos e preconceitos normatizados ao longo da história, das leis e lutas contra o processo que estigmatiza grupos de trabalhadores, e das melhorias no ambiente de trabalho. As referências teóricas utilizadas nos textos embasam e completam, de forma coerente e autoexplicativa, o raciocínio lógico da obra.

Além dos segmentos supracitados, para os quais a obra é direcionada, recomendo, com ênfase, que seja lida por políticos, secretários de educação, e demais responsáveis

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

pela construção de políticas públicas educacionais e trabalhistas, pois, essa leitura pode propiciar uma melhor noção da realidade de pessoas que vivem isoladas como "ilhas humanas". Enxergar esse isolamento social é o primeiro passo para que sejam construídas pontes que integrem as pessoas com deficiências à sociedade, e, assim, que tenham direito a uma inclusão real na vida comum e no trabalho. Antes da deficiência existe um sujeito "Pessoa com Deficiência" (CHAVEIRO, 2018, p.187).

Concorda-se com os autores e organizadores do livro, principalmente, na urgência de fortalecer a reeducação, e que esta possa fazer com que a sociedade enxergue a todos, primeiramente, como seres humanos. Sugere-se, também, que esta obra seja publicada em audiolivro, a fim de que torne acessível a pessoas com deficiência visual e àquelas que passam muitas horas na estrada viajando, com o objetivo de fortalecer a luta contra a exclusão das pessoas com deficiência no cotidiano laboral.

Sou Professora Alfabetizadora, Professora da Educação Básica, mãe de surda, amiga de comunidade surda, fui profundamente tocada pelos textos deste livro, e em alguns momentos não pude conter as lágrimas. Só quem convive diariamente com a discriminação e exclusão, sabe da importância de uma obra como essa, porque "pessoas são planos de ação que bradam por justiça social" (CHAVEIRO, 2018, p.34). Quando não tem alternativa, a comunidade surda pede ajuda aos ouvintes, e, não raro, ao acompanhá-los a um exame admissional ou a uma consulta médica, é notável o tamanho da batalha enfrentada pela pessoa com deficiência. Assim, a leitura de cada um desses textos me trouxe lembranças reais de momentos de enfrentamentos como mãe na escola e como professora de aluno com deficiência, e de assistir à implantação de políticas públicas que oferecem um processo de inclusão deficitário, pois foram elaboradas com uma rasa consulta aos próprios sujeitos envolvidos. "Nada sobre Nós sem Nós" (CHAVEIRO, 2018.p.31). Cada pessoa tem seu próprio mundo, sua própria cartografia, formada por situações singulares construídas ao longo da vida; uns suficientes demais, outros suficientes de menos, em assuntos diferentes que formam sua identidade que compõe a própria paisagem visível, e aquela apenas sentida. A resistência à cultura de exclusão, baseada na ambição produtivista do sistema econômico capitalista, é o caminho a seguir para construção de pontes e para que o trabalho seja fonte de emancipação e não de opressão.

Referência

1. CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Cartografias existenciais da pessoa com deficiência e o trabalho.** Eguimar Felício chaveiro, Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos (organizadores). 1ª edição, Goiânia:/Kelps, 2018.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X